

DÊIXIS E MESCLAGEM: A EXPRESSÃO PRONOMINALIZADA “A GENTE” COMO CATEGORIA RADIAL

*Viviane Moura Fontes**

*Lilian Ferrari***

RESUMO: Este trabalho busca demonstrar que as características semânticas do dêitico de primeira pessoa do plural “a gente” refletem e fundamentam duas importantes generalizações teóricas: a categorização radial como organização conceptual do conhecimento adquirido (Rosch, 1975; Lakoff, 1987) e a construção do significado por mesclagem conceptual (Fauconnier e Turner, 2002). A análise, baseada em dados linguísticos reais, descreve o uso prototípico da expressão “a gente” e, em seguida, contrasta-o com usos não-prototípicos, explicitando os processos específicos de mesclagem que atuam na construção do significado polissêmico da expressão.

PALAVRAS-CHAVE: Categoria Radial, Mesclagem Conceptual, Polissemia e Dêixis.

1. INTRODUÇÃO

A literatura sobre dêiticos abrange um considerável conjunto de pesquisas sobre pronomes pessoais, tanto no âmbito da análise do discurso, quanto em estudos vinculados à sociolinguística variacionista. No primeiro grupo, o foco recai sobre o caráter subjetivo dos pronomes pessoais, definidos relativamente à instância de discurso que toma o “sujeito” como ponto de referência (Benveniste, 1969). O segundo grupo inclui pesquisas sociolinguísticas, que estudam a variação e a mudança observadas nos pronomes pessoais em diferentes línguas (Busse, 2002; Van Compernelle, 2008). No que se refere ao português brasileiro, destacam-se abordagens que investigam a variação entre os pronomes de segunda pessoa “tu” e “você” (Paredes da Silva, 2003; Lopes, 2008) e entre as referências de primeira pessoa do plural “nós” e “a gente” (Omena 1996, Lopes 2002).

Embora tanto os estudos em análise do discurso quanto as pesquisas sociolinguísticas tenham apresentado mapeamentos descritivos detalhados de pronomes pessoais em seus usos discursivos e sociais, o presente trabalho pretende preencher uma importante lacuna descritiva relacionada à caracterização da complexidade semântica desses pronomes. Mais especificamente, nossa proposta é focar a polissemia da expressão pronominalizada “a gente”, com o objetivo de demonstrar que

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística. E-mail: vivianefontes23@gmail.com

** Professora Associada do Departamento de Linguística / Pesquisadora Nível 1D. E-mail: lilianferrari@uol.com.br

o uso dessa forma para a indicação de primeira pessoa do plural apresenta uma estrutura semântica bem mais complexa do que o significado “Eu + Você(s)”, que normalmente lhe é atribuído. À luz da Linguística Cognitiva, argumentamos que a estrutura polissêmica do dêitico “a gente” reflete uma categoria radial (Lakoff, 1987), e propomos uma explicação unificada para a estruturação dessa categoria, com base no modelo dos espaços mentais (Fauconnier, 1994, 1997) e no processo de mesclagem conceptual (Fauconnier, 1997; Fauconnier e Turner, 2002).

Tendo em vista que a Linguística Cognitiva postula que o significado é baseado no uso (Geeraerts, 2006), a pesquisa recrutou dados linguísticos reais, investigando, mais especificamente, a ocorrência da expressão pronominalizada “a gente” em discursos oficiais do presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva. Neste sentido, buscam-se respostas para os seguintes questionamentos: (a) quais os diferentes sentidos que o dêitico “a gente” pode apresentar? (b) quais os processos cognitivos de construção desses sentidos? (c) como os sentidos se inter-relacionam e se organizam radialmente em relação ao núcleo prototípico da categoria?

Este artigo apresenta recorte analítico direcionado ao tratamento inicial dessas questões, organizando-se em quatro seções principais. A seção 2 apresenta os pressupostos cognitivistas gerais que fundamentam a pesquisa, detalhando estudos sobre categorização, aspectos relevantes da Teoria dos Espaços Mentais e dos mecanismos de construção do significado. A seção 3 enfoca pesquisas recentes sobre dêixis, retomando estudos sociolinguísticos referentes ao português brasileiro, e destacando pesquisas cognitivistas sobre o pronome de 1ª pessoa do plural em inglês. A seção 4 discute a metodologia, detalhando aspectos referentes aos dados, e apresentando os objetivos e as hipóteses. Na seção 5, descrevem-se os usos prototípico e não-prototípicos da expressão pronominalizada “a gente”, analisando-se detalhadamente o processo de mesclagem conceptual ativado pelo uso “virtual” da expressão.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A pesquisa adota como base teórica os estudos cognitivistas sobre categorização (Rosch 1975; Lakoff, 1987) e a Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier 1994, 1997), com ênfase na noção de mesclagem conceptual (Fauconnier e Turner, 2002). As considerações de Langacker (2006) para a construção do significado são abordadas também nesta seção.

2.1. Categorização

Segundo a teoria aristotélica, as categorias são organizadas com base no conceito de que, para pertencer a uma categoria, um dado elemento deve possuir um conjunto rígido de características essenciais e suficientes. Essa teoria pressupõe a existência de uma estrutura prototípica e nuclear à qual todos os membros devem se ajustar. No entanto, a pergunta que instiga a investigação é: se os membros de uma categoria possuem atributos iguais, como previa Aristóteles, por que há membros considerados exemplos melhores e mais nítidos que outros?

Estudos em Psicologia Cognitiva, principalmente os promovidos por Eleanor Rosch (1973, 1978), apresentam uma visão menos rígida sobre a categorização semântica. Na verdade, evidências experimentais demonstraram que as categorias não são formas estanques, mas categorias radiais flexíveis, que nos permitem organizar, dentro de um mesmo conjunto, elementos mais ou menos prototípicos. Por exemplo, em se tratando da categoria “ave”, as gaivotas são consideradas mais prototípicas do que os pinguins, por apresentarem um número maior de traços associados à categoria.

Esses achados sobre categorias radiais influenciaram uma série de pesquisas linguísticas, que passaram a defender a radialidade das categorias linguísticas, como demonstram estudos clássicos sobre a semântica da preposição “*over*” (Brugman e Lakoff, 1988) e sobre a rede de construções com “*there*” em inglês (Lakoff, 1987).

No que se refere aos dêiticos, Marmaridou (2000) demonstrou que expressões dêiticas em inglês apresentam natureza polissêmica e estrutura semântica radial, organizada a partir de um Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) referente ao ato de “apontar”. Assim, os membros prototípicos ou centrais apresentam todos os traços característicos desse modelo, enquanto os membros não-centrais exibem apenas algumas características herdadas do centro, e possuem traços menos evidentes de pertencimento à categoria.

A proposta de Marmaridou (2000) demonstrou que a noção de MCI é essencial para o tratamento da polissemia dos dêiticos. Esse conceito, proposto por Lakoff (1987), será abordado na próxima seção.

2.2. Modelos Cognitivos Idealizados

Lakoff (1987) argumenta que a mente humana é caracterizada e organizada por estruturas de conhecimento formadas pela exposição sociocultural do homem no mundo. De acordo com essa proposta, todo nosso conhecimento de mundo é armazenado em estruturas mentais permanentes denominadas “Modelos Cognitivos Idealizados” (MCIs).

Essas estruturas são modelos porque atuam como representações estáveis de informações organizadas semanticamente na cognição; são também fruto de idealizações culturais ou subculturais, portanto modelos idealizados de conhecimento, já que nem sempre provêm da experiência direta do indivíduo. Por serem convencionalizados e compartilhados numa comunidade, os MCIs possibilitam que, na interação, falantes assumam domínios como conhecidos por seus ouvintes, permitindo assim que muitas informações possam ficar implícitas.

Analisando a construção *Este rapaz é estranho, não gosta de futebol*, percebe-se que o falante acionou um modelo de conhecimento idealizado socialmente em que todo homem é um apreciador de futebol. Ao construir esse enunciado, o falante considera que seu ouvinte compartilha das informações implícitas que permeiam o discurso.

2.3. Teoria dos Espaços Mentais

Os MCIs, ao mesmo tempo em que são responsáveis pela categorização do conhecimento adquirido, apoiam espaços mentais que emergem a partir do acesso às suas informações.

À medida que pensamento e fala progridem, espaços mentais são criados para promover a significação. São domínios que possibilitam a sintonia entre participantes do discurso, fornecendo-lhes pistas semânticas sobre a área de sentido ativada na cognição.

Os espaços mentais são estruturas transitórias responsáveis pela projeção das informações, pinçadas dos domínios estáveis (MCIs), funcionando como arquivos provisórios de organização do pensamento em linguagem.

Entre os espaços, entrecruzam-se elos (*links*) para a construção de sentidos. Da correlação entre domínios cognitivos e espaços mentais, emerge o significado novo, formado, muitas vezes, a partir da operação de mesclagem conceptual (*blending*).

2.3.1. Mesclagem conceptual

A mesclagem surge da interação entre domínios conceptuais distintos, que servem de ponto de partida (*inputs*) para a criação do espaço-mescla, constituído pelas partes herdadas dos *inputs*.

Desta forma, todo processo cognitivo de mesclagem conceptual passa pela *projeção interdomínios* (projeção parcial entre contrapartes dos *inputs* 1 e 2), pela organização abstrata em um *espaço genérico* (que reúne os elementos compartilhados pelos domínios) e culmina no *espaço mescla*, no qual os *inputs* se projetam total ou parcialmente (elementos dos *inputs* podem ser projetados ou não, podem ser fundidos em um só elemento da mescla ou projetados separadamente).

Para ilustrar o processo de mesclagem, Fauconnier (1997) apresenta um exemplo em que um professor de filosofia, ao discursar para seus alunos, diz: “*Eu acho que a razão é uma capacidade de autodesenvolvimento. Kant discorda de mim nesse ponto. Ele diz que a razão é inata, mas eu respondo que isso é dar a questão como provada, ao que ele se opõe, em “Crítica da Razão Pura”, defendendo que somente idéias inatas têm poder. Mas sobre isso eu digo: e a seleção grupal de neurônios? E ele não responde.*”¹

Este episódio caracteriza, segundo os autores, um processo de mesclagem conceptual, em que o filósofo/professor utiliza a fala de outro filósofo (Kant) para estabelecer um *diálogo virtual* entre eles. Esse debate, por reunir interlocutores em momentos distintos, somente é possível no plano imaginativo, ou seja, no espaço mental da mescla. A figura abaixo representa todo o processo:

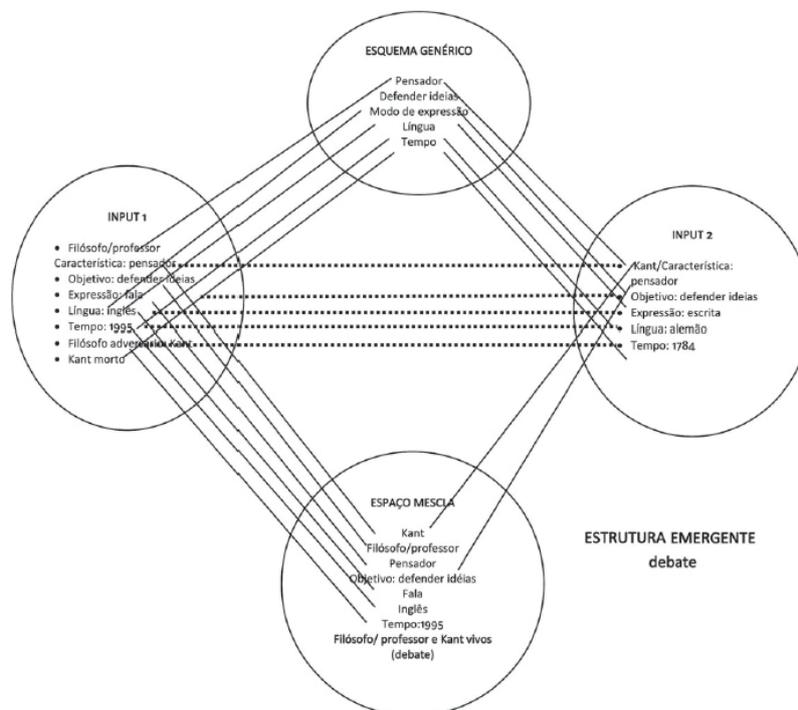


Figura 1 – Mesclagem conceptual referente ao exemplo do “Debate com Kant”

1. Do original: “I claim that reason is a self-developing capacity. Kant disagrees with me on this point. He says it’s innate, but I answer that that’s begging the question, to which he counters, in Critique of Pure Reason, that only innate ideas have power. But I say to that, what about neuronal group selection? And he gives no answer.” (Fauconnier, 1997).

Nesse exemplo, há dois *inputs*: um apresenta o filósofo/professor que pensa e medita sobre suas ideias, além de defendê-las expressando-se por meio da fala, em língua inglesa, no ano de 1995; o outro traz Kant, suas ideias expressas na escrita, em língua alemã, no ano de 1784. Algumas informações são comparadas e reunidas num *espaço genérico*. São elas: um pensador/filósofo, ideias apresentadas e defendidas, utilização por ambos de um modo de expressão, manifestação linguística por meio de um idioma. O espaço da mescla recebe dos *inputs* as informações relevantes; neste caso, são projetados os filósofos, suas ideias, a língua inglesa e o tempo do discurso do filósofo/professor. O fato de Kant estar morto e seu discurso descontextualizado com relação ao do professor não é projetado. A mesclagem conceptual desses elementos estabelece o *frame* de debate, que confronta Kant e o filósofo/professor em um embate simultâneo e virtual.

2.4. A construção do significado

De acordo com a proposta de Langacker (2006), a linguagem não é autônoma em relação aos outros sistemas cognitivos e as estruturas gramaticais são inerentemente simbólicas, oferecendo a estruturação e a simbolização convencional do conteúdo conceptual e representando apenas uma parte de todo conteúdo que se efetiva a partir da perspectiva do falante.

Com isso, têm-se como generalizações teóricas:

- (i) O significado está intimamente associado à conceptualização.
- (ii) O significado das estruturas linguísticas é motivado por processos cognitivos gerais.
- (iii) Os objetivos comunicativos permitem a escolha de construções distintas que indicam a subjetividade do falante.
- (iv) O ponto de vista (físico ou mental) adotado pelos interlocutores também contribui para a construção do significado numa interação comunicativa.

Do ponto de vista da Linguística Cognitiva, não existe separação entre os planos do léxico, da morfologia e da sintaxe; todos cooperam num continuum para a construção do significado. Tudo na língua é simbólico; o binômio significante e significado não pode ser separado. Para Langacker (2006), as experiências sensorial, sinestésica, emocional e o reconhecimento dos contextos são passíveis de conceptualização, isto é, de caracterização e categorização pela cognição humana. O falante está o tempo todo categorizando e construindo significado para o linguístico, o social e o cultural.

Seria demasiadamente simplório tratar do significado das palavras sem mencionar uma rede de significados ou categorização semântica. O significado pode ser conceptualizado a partir do acesso a domínios cognitivos diferentes. Além desses domínios diferentes, o significado também pode ser conceptualizado a partir do recorte (*frame*) em um ou em vários domínios. Por exemplo, não é possível alegar a existência de construções sinônimas, já que cada uma aponta para *frames* diferentes ou para o mesmo *frame* com o perfilamento de elementos cognitivos distintos.

Sendo assim, o significado não é composicional, pois não é a soma de suas partes. As palavras apontam para além do que vem expresso na forma linguística, perfilando uma determinada região num determinado domínio. Ou seja, as palavras indicam o(s) aspecto(s) mais proeminente(s) em uma base conceptual mais ampla. Por exemplo, para se construir o significado de hipotenusa, é preciso ter a noção mais ampla do que seja um triângulo retângulo, perfilando-se o lado oposto ao ângulo reto. Langacker (2006) destaca que habilidades cognitivas como as sensações e as percepções visual,

auditiva, olfativa, gustativa, dentre outras, são a base de toda conceptualização da cognição humana. A Gramática Cognitiva langackeriana enfatiza algumas operações cognitivas mobilizadas na construção do significado como a Seleção, a Abstração, a Perspectivação e o Entrincheiramento.

A seleção é responsável pela determinação das facetas da cena comunicativa na qual estão inseridos os participantes; a abstração surge como marca discursiva no uso de entidades mais ou menos marcadas por aspectos esquemáticos; a direção do foco localiza os pontos periféricos e centrais da cena, e o ponto de vista é marcado pela perspectivação; o entrincheiramento se evidencia nas expressões convencionalizadas e compartilhadas pela comunidade linguística a que pertencem os participantes da interação. Tais operações cognitivas nos permitem visualizar alguns caminhos determinantes na construção dos significados no momento da interação.

Portanto, significados são estruturas dinâmicas que emergem na semiose de processos cognitivos diversos. Com isso, evidencia-se uma vasta rede na qual graus de entrincheiramento, níveis diferentes de abstração, mudança de perspectiva e de seleção da atenção ocorrem, formando um processo ímpar, cuja construção se dá online.

O modelo de análise de conceptualização proposto por Langacker (2006) valoriza o aspecto visual na construção de significado para as formas linguísticas e o caráter simbólico da linguagem. São consideradas fundamentais na descrição de uma cena comunicativa as noções de campo visual, relação de figura e fundo, ponto de vista, foco e compartilhamento de atenção. Esses componentes da percepção visual oferecem importante direcionamento na investigação dos processos cognitivos. Para Langacker, tais processos acontecem de forma análoga na conceptualização do mundo. A construção do significado subentende a construção de uma perspectiva, isto é, de uma maneira particular de perceber e conceptualizar o mundo. É o falante o espectador na própria cena comunicativa da qual participa, colocando-se numa posição estratégica em que o objetivo comunicativo é o seu foco de atenção. Portanto, esse falante pode, sob a pretensão de atender aos seus anseios comunicativos, construir usos linguísticos mais ou menos convencionais. A pragmática determina suas escolhas linguísticas, e o sentido se constrói no momento da interação, tendo como parceiro o contexto. Logo, em função das mudanças de perspectivação, o significado de uma expressão é construído de acordo com o ponto de vista, compartilhado total ou parcialmente pelos interlocutores.

O modelo langackeriano foi abordado com o objetivo de se explicar o processo de construção de significado de expressões linguísticas em contextos de uso da língua. Tal estudo motivou indagações do tipo: de que maneira ouvintes constroem significação para formas dêiticas afastadas do núcleo da categoria? Como explicar tal fenômeno, senão por uma teoria cognitiva que privilegia a análise da linguagem a partir do uso que os falantes fazem dela?

3. PESQUISAS RECENTES SOBRE DÊIXIS

Etimologicamente, o termo dêixis de origem grega significa demonstrar, apontar, indicar e, em geral, a dêixis é expressa por pronomes pessoais e demonstrativos, tempos verbais, advérbios de tempo e de lugar dentre outros.

Na descrição tradicional, a dêixis é um importante mecanismo discursivo cuja função se efetiva diante de um contexto (Levinson, 2007). Portanto, faz-se necessária a consulta às informações disponibilizadas pelo contexto a fim de estabelecer a interpretação das expressões dêíticas. Um exemplo é o uso dos pronomes “eu” e “você”, que, por suas características dêíticas, têm como referentes o falante e o ouvinte respectivamente. No entanto, definir quem são esses indivíduos não é tarefa fácil, se não se tem o auxílio do contexto.

A visão tradicional subdivide os dêíticos nas categorias de pessoa, espaço, tempo, discurso e social. Cada uma delas estabelece limites para que as estruturas linguísticas possam ou não ser enquadradas.

Os pronomes pessoais de primeira pessoa são importantes exemplos de dêixis, pois constituem o ponto de partida para a manifestação subjetiva na linguagem; é em torno desses elementos que a linguagem determina e organiza os outros elementos dêíticos.

Com o objetivo de situar a proposta cognitivista de estudo da polissemia dêítica da expressão “a gente”, serão apresentados, nesta seção, alguns estudos sociolinguísticos sobre o uso dessa expressão no português brasileiro (Omena 1996, Lopes 2002) e abordagens cognitivistas sobre a dêixis em inglês (Rubba, 1996; Marmaridou, 2000).

3.1. Pesquisas sociolinguísticas

O processo de gramaticalização de algumas formas linguísticas evidencia a capacidade dessas formas de se adequarem ao uso que lhes é atribuído pelos falantes. É, por exemplo, o caso da expressão “a gente”², que ganhou *status* de pronome devido ao seu desempenho como palavra indicativa de pessoa gramatical do discurso.

De acordo com os estudos de Lopes (2002), apesar da frequência do uso de “a gente” como pronome ser muito baixa antes do século XX, a pronominalização do vocábulo *gente* teve início nos séculos XVII-XVIII. O século XIX é considerado o período de transição desse processo, tendo 77% de ocorrências do “a gente” em função dêítica. No século XX, o uso dessa expressão se consolida de fato como pronome.

A pesquisa sociolinguística de Omena (1996) traz resultados que caracterizam a variação “nós”/ “a gente”, levando em conta contextos de uso da expressão “a gente” em função sintática de sujeito e em estruturas que atendem às regras de concordância verbal.

2. A Gramática Normativa, por vezes, tenta explicar este fenômeno já consagrado na língua falada do português brasileiro; no entanto, não há uma classificação que acolha o uso da expressão popular “a gente” como pronome pessoal. Lopes (2002) ressalta que a gramática tradicional é incoerente e inconclusa quanto à apresentação dos pronomes pessoais. Neste trabalho, optou-se por considerar “a gente” expressão pronominalizada.

Nos dados analisados, verificou-se que a variável idade permitiu maior alternância no uso “nós” / “a gente”. Os falantes mais novos usam mais frequentemente “a gente”. A pesquisa identificou também que este uso se intensificou principalmente a partir de 1960. Quanto à escolarização, falantes adultos, com ou sem contato com a escola, utilizaram mais a forma “a gente”, principalmente os jovens estudantes de ensino médio. Com relação às variáveis renda e mídia, os dados indicaram que falantes bem posicionados financeiramente e mais expostos à mídia tendem a usar o pronome “nós” em detrimento da expressão “a gente”.

3.2. Pesquisas cognitivistas

Os estudos em Linguística Cognitiva trazem uma nova concepção sobre o fenômeno da dêixis, que é fundamental para que se chegue à compreensão mais detalhada da função dêitica de certas formas linguísticas não convencionais.

Rubba (1996) baseia-se na Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994) e na noção de MCI (Lakoff, 1987) para explicar o problema da interpretação da referência que extrapola a situação comunicativa imediata. A autora estabelece que em casos de discurso direto, como no exemplo “*O garoto disse: Tire-me daqui*”, a referência do dêitico de lugar “aqui” se projeta para um domínio diferente do *ground* que caracteriza o evento de fala. Esse *ground* alternativo assume parte ou todo o MCI dêitico prototípico como ponto de partida para a interpretação.

Marmaridou (2000) apoia-se na teoria dos protótipos (Rosch, 1975) e no trabalho de Lakoff (1987) sobre semântica cognitiva com base na noção de MCI para determinar que a categoria da dêixis deve acolher não só exemplos nitidamente dêíticos, como também aqueles casos não tão óbvios, mas que carregam características peculiares do centro da categoria.

Para a autora, o enfoque tradicional da dêixis é incompleto, limitado e desvia a análise de informações relevantes para o estudo do fenômeno dêitico como um todo. Tal abordagem estabelece um modelo fixo, não permitindo vislumbrar a constituição de formas não-dêíticas em uso dêitico.

Em busca de soluções para o problema apresentado, Marmaridou propõe que a dêixis seja conceptualizada em termos de um MCI, estruturado com base na hipótese da espacialização da forma. Assim, tem-se um esquema imagético de CENTRO vs PERIFERIA, cuja característica fundamental é a noção de egocentricidade estabelecida a partir do centro dêitico (“eu”). Em síntese, o espaço mental evocado por uma expressão dêitica envolve a conceptualização do MCI dêitico, que possui como entidades³-padrão os interlocutores, um lugar e um período de tempo. Abaixo, uma ilustração do *ground padrão da dêixis*:

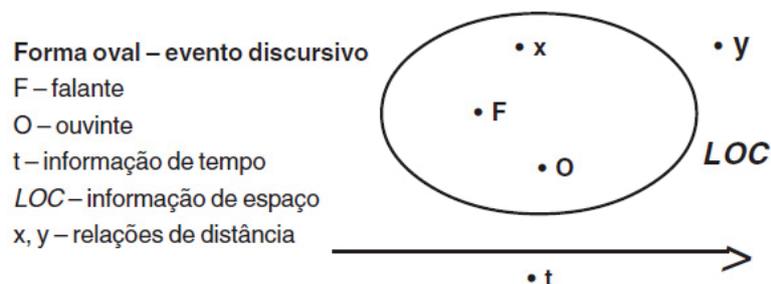


Figura 2 – Quadro semântico da dêixis

3. Termo utilizado para identificar os elementos dêíticos constitutivos da cena comunicativa.

A respeito do uso da primeira pessoa do plural “we” (“nós”) em função dêitica, Marmaridou apresenta uma escala de efeitos prototípicos. São eles:

- “NÓS” INCLUSIVO (prototípico da categoria) – inclui falante e ouvinte(s) específico(s), nos moldes apresentados na Figura 2, como em “Nós estamos nesta sala aguardando o palestrante”.
- “NÓS” GENÉRICO – inclui falante, ouvinte(s) e outros⁴; caracteriza-se por uma referência não-prototípica do elemento dêitico, como em “Nós vivemos em um mundo cada vez mais agitado”
- “NÓS” EXCLUSIVO – exclui ouvinte(s); uso não-prototípico da dêixis; é o que se observa, por exemplo, quando o diretor de uma faculdade diz aos alunos “Nós gostaríamos de promover uma mudança curricular dentro dos moldes previstos”.
- “NÓS” EDITORIAL ou ACADÊMICO, e “AUTORITÁRIO” (ou pseudo-inclusivo): viola a pressuposição de existência de um grupo de pessoas no qual o falante se inclui, apesar de pressupor estrategicamente a participação desse grupo. É o caso de alguém que, embora seja o único autor de um livro, escreve “Neste capítulo, delineamos a visão experiencial da dêixis”. É, por isso, mais um caso de uso dêitico não-prototípico.

A proposta de Ferreira e Ferrari (2006) para a língua portuguesa enfoca o estudo da dêixis de pessoa (“nós”), tempo (“hoje”) e lugar (“aqui”) na investigação do processo de construção do significado. Os elementos dêíticos foram retirados de crônicas de João Ubaldo Ribeiro, publicadas no jornal “O Globo”. A pesquisa buscou demonstrar que a interpretação de dêíticos polissêmicos decorre de processos de mesclagem conceptual que possibilitam a construção de domínios específicos. Com isso, Ferreira e Ferrari (2006) argumentam que a conceptualização da referência dêitica constitui-se a partir da mesclagem entre o MCI prototípico da dêixis e diferentes tipos de MCIs ativados pelo discurso; além disso, propõem que os dêíticos de pessoa, tempo e lugar estejam organizados em uma escala radial de prototipicidade, devido à polissemia que os processos específicos de mesclagem podem ativar.

4. Considerou-se para esta pesquisa o termo outro(s) para referir indivíduos não participantes da cena comunicativa.

4. METODOLOGIA

O objeto de estudo da presente pesquisa é a expressão pronominalizada “a gente”, em contextos nos quais o termo exerce a função sintática de sujeito.⁵

Os dados para a pesquisa foram selecionados a partir de transcrições de discursos oficiais do presidente Lula, durante cerimônias de inauguração de instituições públicas ou privadas, de comemoração de datas importantes e de entrega de projetos sociais realizados ou a serem iniciados. Tais discursos estão disponibilizados no *site* oficial da presidência da República, na seção Secretaria de Imprensa e Porta-Voz (<http://info.planalto.gov.br>).

Os dados serão analisados de acordo com os seguintes objetivos:

- (i) identificar os diferentes sentidos que compõem a categoria dêitica formada pela expressão “a gente”;
- (ii) detalhar os processos cognitivos associados à estrutura semântica das instanciações do dêitico “a gente” que compõem a categoria radial;
- (iii) verificar a distribuição dos diferentes usos do dêitico “a gente” em relação ao núcleo prototípico da categoria “Eu + Você(s)”.

Em contrapartida, têm-se, respectivamente, como hipóteses para cada objetivo:

- (i') o dêitico “a gente” organiza-se como uma categoria radial, da qual fazem parte um núcleo prototípico e elementos que se afastam do protótipo;
- (i'') as ocorrências não-prototípicas do dêitico “a gente” resultam de processos de mesclagem conceptual;
- (i''') os usos não-prototípicos de “a gente” afastam-se, em diferentes graus, do núcleo da categoria, em função dos elementos envolvidos no processo de mesclagem.

Com relação ao tipo de análise, a pesquisa propõe uma investigação baseada no uso e, portanto, apoia-se em um número significativo de ocorrências do dêitico “a gente” em dados reais. A dimensão qualitativa, entretanto, será priorizada, na medida em que a pesquisa se propõe a explicitar os diferentes matizes de significado associados à expressão “a gente”, identificando os processos cognitivos capazes de explicar as nuances observadas.

5. A decisão de excluir as ocorrências de “a gente” em outras funções sintáticas visa a um maior controle dos dados, e toma por base pesquisas anteriores que indicam que a ocorrência de “a gente” em função de sujeito é bem mais frequente (Omena, 2006).

5. ANÁLISE DE DADOS: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE PARA O DÊITICO “A GENTE”

De forma análoga à proposta de Marmaridou para o pronome de primeira pessoa do plural em inglês, a análise aqui apresentada estabelecerá uma esquematização da expressão “a gente” como categoria radial, propondo uma escala de prototipicidade, que parte do uso mais prototípico até chegar ao uso mais periférico, em que se revela a exclusão do próprio falante da referência dêitica, como ilustra o esquema a seguir:

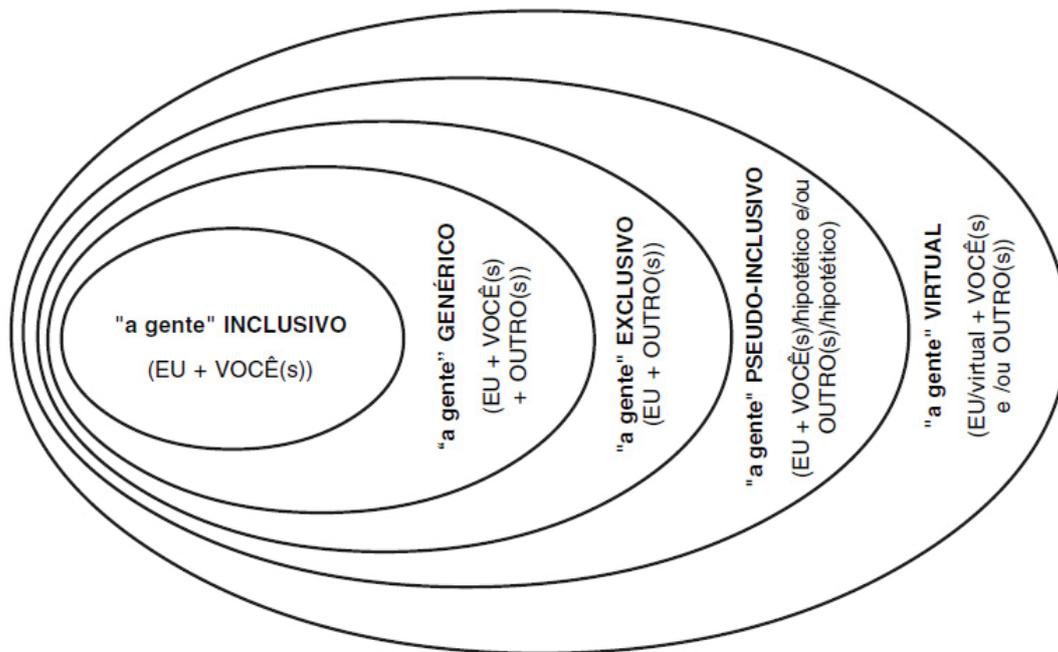


Figura 3 – Categoria radial referente à expressão pronominalizada “a gente”

Neste esquema, o centro da categoria é detentora das características originais para representação da dêixis. Enquanto os elementos *radiais* inserem usos que vão numa escala do mais ao menos prototípico, o núcleo da categoria guarda o sentido básico do fenômeno: palavra que aponta para o falante e seu(s) ouvinte(s), no espaço e tempo em que o evento de fala ocorre. É o que se observa no exemplo a seguir:

I. USO INCLUSIVO

(1) “E quando **a gente** vê o representante da Rocinha aqui, bonito como ele está, com uma gravata meio cor-de-rosa, isso me faz sair daqui dizendo: não há por que não ter muito mais esperança neste país porque **a gente** vê a cara da alegria de um projeto que poderia ter sido feito há 20 anos, há 30 anos, há 40 anos.” (Discurso durante cerimônia de assinatura de acordos para moradias no Rio de Janeiro - Palácio das Laranjeiras - RJ, 18 de janeiro de 2007).

No exemplo acima, o dêitico “a gente” indica o Presidente Lula e a platéia presente ao evento no Palácio das Laranjeiras no momento em que o discurso estava sendo proferido.

Os demais usos, caracterizados como não-prototípicos, podem ser assim definidos:

II. USO GENÉRICO

O uso genérico da expressão “a gente” aponta para “pessoas em geral”, além de incluir o falante e o(s) ouvinte(s) presentes ao evento de fala. É o que ilustra o exemplo a seguir:

(2) *“Eu sempre digo que projeto administrativo é que nem álbum de fotografia do filho da gente: **A gente** vai batizar o bruguelinho da gente, tem lá um cara tirando fotografia. Aí o cara dá um cartão para a gente; **a gente** fala: “Eu não quero, eu não quero, nãoquero, vá embora!”, até mal-educado com o cara.” (Discurso na cerimônia de inauguração da Unidade de Pronto Atendimento (UPA) da Vila São Pedro - São Bernardo do Campo - SP, 29 de dezembro de 2009).*

A expressão pronominalizada “a gente” em (2) afasta-se do centro da categoria, na medida em que além de indicar o falante e eventuais membros da platéia presentes ao discurso proferido em São Bernardo do Campo, aponta para qualquer outra pessoa que, por ventura, tenha exercido o papel de “pai” no evento “batizado de um filho”, mencionada pelo falante.

III. USO EXCLUSIVO

Em seu uso exclusivo, a expressão “a gente” exclui os ouvintes, como no caso do exemplo abaixo:

(3) *“Vocês estão sabendo da batalha em que nós estamos aí, com a questão da CPMF. Na proposta que nós fizemos, a última proposta, **a gente** propôs isenção para quem ganha até 2 mil e 800 reais.” (Discurso durante encontro com representantes das Centrais Sindicais da 4ª Marcha da Classe Trabalhadora - Palácio do Planalto, 05 de dezembro de 2007).*

No uso exclusivo de “a gente”, exemplificado acima, os ouvintes não são indicados pelo pronome, mas apenas o falante e sua equipe de governo, cujos membros não estão necessariamente presentes ao evento de fala.

IV. USO PSEUDO-INCLUSIVO

O uso pseudo-inclusivo simula a inclusão de outros participantes, além do falante, em contextos nos quais a referência ao falante deveria ser específica. Vejamos o exemplo abaixo:

(4) *“Eu queria dizer para vocês que quando **a gente** chega à Presidência da República, nós não temos o direito de ficar respondendo às críticas.” (Discurso durante encontro com trabalhadores das obras do Eixo Norte - Cabrobó-PE, 16 de outubro de 2009).*

No caso acima, o falante inclui hipoteticamente outras pessoas que poderiam exercer a função de “Presidente da República”. Trata-se, portanto, de uma mesclagem entre o falante estabelecido pelo MCI prototípico da dêixis no discurso em questão (o qual exerce no momento o papel de presidente) e o MCI de regime presidencialista, no qual o papel de “presidente” pode ser preenchido por diferentes indivíduos ao longo do tempo.

V. USO VIRTUAL

A princípio, o uso virtual de “a gente” parece se comportar como o uso prototípico, incluindo o falante e o(s) ouvinte(s). Entretanto, o que diferencia esse uso é que o papel do falante é preenchido apenas virtualmente pela pessoa que profere o discurso no evento de fala. Observemos:

*(5) “(...) tem um ponto que nos une? É esse ponto que vai nos fazer ir para a rua juntos, é esse ponto que vai fazer **a gente** ir para ao Congresso Nacional, é esse ponto que vai fazer o presidente da República nos atender.” (Discurso durante encontro com representantes das Centrais Sindicais da 4ª Marcha da Classe Trabalhadora - Palácio do Planalto, 05 de dezembro de 2007).*

No exemplo acima, o dêitico “a gente” indica o falante como projeção de um espaço mental passado em que o presidente desempenhava papel distinto (Lula sindicalista) daquele apresentado no evento de fala atual (Lula presidente).

Com exceção do uso inclusivo, todos os outros usos do dêitico “a gente” descritos nesta seção envolvem processos de mesclagem conceptual, em que se estabelecem correspondências entre um espaço estruturado a partir do MCI prototípico da dêixis e outros espaços disponíveis no discurso. Esse fenômeno será detalhado na próxima seção.

5.1. Mesclagem e uso virtual da expressão “a gente”

Ao entrar em contato com um dêitico prototípico (“a gente inclusivo”), acessamos conceptualmente um domínio de conhecimento que envolve as noções de falante, ouvinte, tempo e espaço. Entretanto, quando se trata de um dêitico não-prototípico (categorias II a VI na seção anterior), as informações lexicais e pragmáticas que emergem na interação acionam um MCI paralelo sobre o assunto em foco. Para ilustrar esse fenômeno, detalharemos, nesta seção, a mesclagem conceptual que sustenta a interpretação da expressão “a gente” em seu uso virtual. Retomemos o exemplo (5):

*(5) “(...) tem um ponto que nos une? É esse ponto que vai nos fazer ir para a rua juntos, é esse ponto que vai fazer **a gente** ir para ao Congresso Nacional, é esse ponto que vai fazer o presidente da República nos atender.” (Discurso durante encontro com representantes das Centrais Sindicais da 4ª Marcha da Classe Trabalhadora - Palácio do Planalto, 05 de dezembro de 2007).*

Para analisar essa ocorrência, propomos a ativação do seguinte processo de mesclagem conceptual:

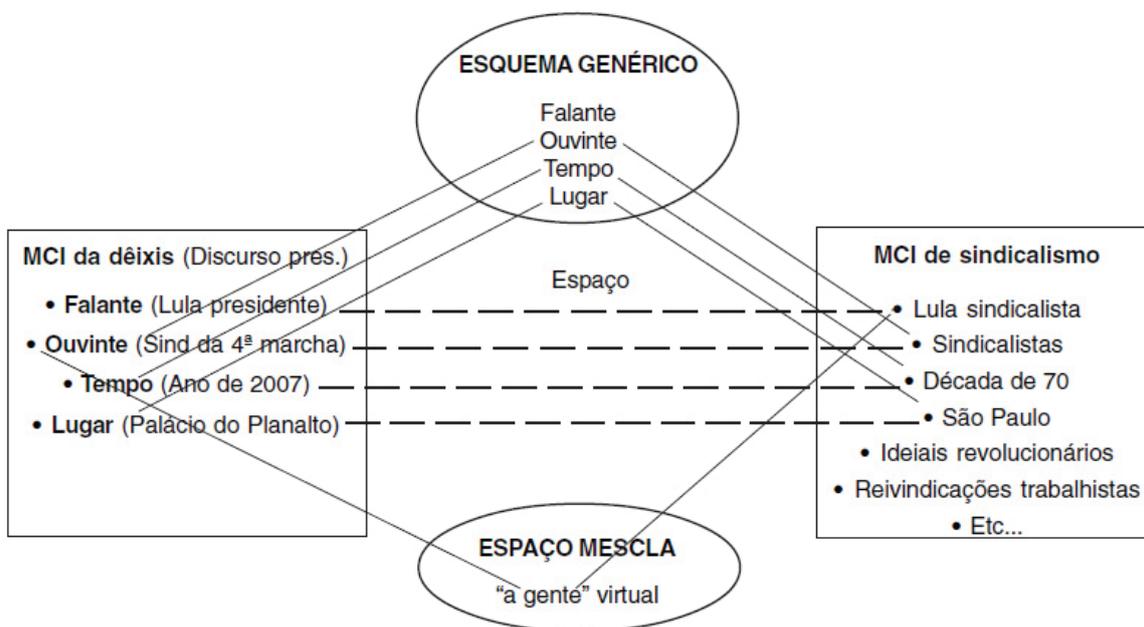


Figura 4 – Mesclagem conceptual referente ao uso virtual do dêitico “a gente”

A figura acima indica que os espaços de partida, *input 1* (“MCI da dêixis relacionado ao Discurso Presidencial no Palácio do Planalto”) e *input 2* (“MCI de sindicalismo”) têm suas contrapartes associadas. A expressão “a gente”, nesse caso, resulta de mesclagem entre ouvintes, do *input 1*, e de Lula/sindicalista, do *input 2*; o falante em sua função atual de Presidente da República, por sua vez, não é projetado no espaço mescla, o que explica o caráter não-prototípico do dêitico.

Nesse exemplo, Lula se ausenta do papel de presidente da República para incorporar o papel de sindicalista que um dia foi. Tanto sua experiência pessoal quanto o conhecimento cultural dos participantes na cena comunicativa contribuem para que a estrutura linguística possa significar muito mais do que indica convencionalmente.

O ponto de vista está direcionado para um momento do tempo e do espaço em que Lula não é o presidente, mas atua como sindicalista. Isso só é possível porque os participantes da cena comunicativa estabelecem, em comum acordo, um espaço mental imaginativo que possibilita conceber o presidente Lula como um dos sindicalistas ali presentes. Tanto o falante (presidente) quanto seus ouvintes (sindicalistas) podem se reconhecer na cena comunicativa, o que permite que uma projeção externa ao contexto imediato proporcione a criação de um novo contexto virtual, a partir do acesso a conhecimentos socioculturais compartilhados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou a polissemia da expressão pronominalizada “a gente”, sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, objetivando contribuir para o detalhamento da estrutura semântica polissêmica dessa expressão.

A pesquisa lançou luz sobre fenômeno ainda pouco estudado, que diz respeito não só ao detalhamento das características semântico-pragmáticas associadas à polissemia da expressão pronominalizada “a gente”, mas também a uma proposta inovadora de análise do fenômeno com base no processo de mesclagem conceptual.

Assumindo-se que o referencial teórico da Linguística Cognitiva não só abre portas para a identificação dos diferentes significados que integram a polissemia dos dêiticos, mas também permite a investigação dos processos mentais que franqueiam a compreensão de fenômenos dêiticos prototípicos e não-prototípicos, espera-se que o presente estudo constitua contribuição relevante para o aprofundamento da investigação da dêixis no português brasileiro.

Da mesma forma, o estudo pode fornecer os fundamentos para uma comparação futura entre os dêiticos “a gente” e “nós”, que embora sejam considerados semanticamente equivalentes por indicarem prototipicamente a primeira pessoa do plural, podem apresentar diferenças com relação à organização radial, que merecem ser investigadas.

DEIXIS AND BLENDING: THE PRONOMINAL EXPRESSION “A GENTE” AS A RADIAL CATEGORY

ABSTRACT: This work seeks to demonstrate that the semantics of the first person plural deictic expression “a gente” reflects and underlies two important theoretical generalizations: radial categorization as conceptual organization of acquired knowledge (Rosch, 1975; Lakoff, 1987) and the role of conceptual blending in the process of meaning construction (Fauconnier and Turner, 2002). Taking a corpus-based approach, it is argued that non-prototypical uses of “a gente” result from blending processes which take the prototypical frame “speaker + hearer(s)” as one of its input spaces.

KEYWORDS: Radial Category, Conceptual Blending, Polysemy and Deixis.

7. BIBLIOGRAFIA

ANUNCIACÃO, J. e FERRARI, L. “Quando eu não sou eu”: mesclagem conceptual em dêiticos de primeira pessoa. In: FERRARI, L. (org.). *Espaços mentais e construções gramaticais: do uso linguístico à tecnologia*. Rio de Janeiro: Imprinta. pp. 20-40, 2009.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

BUSSE, U. *Linguistic Variation in the Shakespeare Corpus: Morphosyntactic Variability of Second Person Pronouns*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2002.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G. e TURNER, M. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, L. A construção do significado. In: MOLLICA, M. C. (org.). *Linguagem: para a formação em Letras, Educação e Fonoaudiologia*. São Paulo: Contexto. pp. 66-71, 2009.

FERRARI, L. Linguística cognitiva: fundamentos teóricos de pesquisas recentes e aplicações interdisciplinares. In: FERRARI, L. (org.). *Espaços mentais e construções gramaticais: do uso linguístico à tecnologia*. Rio de Janeiro: Imprinta. pp. 4-18, 2009.

FERREIRA, J. S. *A interpretação sociocognitiva dos dêiticos no discurso*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Linguística. Faculdade de Letras. UFRJ, 2006.

FERREIRA, J. e FERRARI, L. Mesclagem, polissemia e dêixis. In *Linguística*, v. 2, n.1, p.38-68, 2006.

GEERAERTS, D. A rough guide to Cognitive Linguistics. In: GEERAERTS, D. (ed.). *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. Introduction to Concept, Image and Symbol. In GEERAERTS, D. (ed.). *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter. pp. 29-52, 2006.

LEVINSON, S.C. A dêixis. In: *Pragmática*. Trad. Borges e Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LOPES, C. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKMIM, T. (org.). *Para a História do Português Brasileiro – Novos Estudos*. São Paulo: Humanitas /FLP/USP. pp. 25-46, 2002.

LOPES, C. R. dos S. Retratos da variacao entre voce e tu no português do Brasil: sincronia e diacronia. In.: Roncarati, C.; Abraçado, J. (Orgs.). *Portugues Brasileiro II - contato linguistico, heterogeneidade e historia*. Niteroi: EDUFF, Volume 2, p. 55-71, 2008.

- MARMARIDOU, S. On Deixis. In: *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2000.
- MOURA, V. *O uso dêitico da expressão pronominalizada "a gente"*. Rio de Janeiro: Trabalho final do curso Tópicos Especiais I. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Faculdade de Letras. UFRJ, 2008.
- MOURA, V. *O caráter perspectivizador da gramática no uso dêitico da expressão pronominalizada "a gente"*. Rio de Janeiro: Trabalho final do curso Introdução à Linguística Cognitiva. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Faculdade de Letras. UFRJ, 2009.
- OMENA, N. As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito. In: SILVA, G; ROSCH, E. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MOORE, T. (ed.). *Cognitive development and the acquisition of language*. New York: Academic Press, 1973.
- ROSCH, E. Principles of categorization. In E. Rosch & B. B. Lloyd (Eds.), *Cognition and categorization*. Hillsdale, NJ: Erlbaum. Cambridge, MA: MIT Press, 1978.
- RUBBA, J. Alternate grounds in the interpretation of deictic expressions. In: FAUCONNIER, G; Sweetser, E. (org). 1996. *Spaces, worlds & grammar*. Chicago: University of Chicago Press. pp. 227 – 261, 1996.
- SILVA, L.I.L. *Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva*, durante cerimônia de assinatura de acordos para moradias no Rio de Janeiro, Palácio das Laranjeiras, 18 de janeiro de 2007. Disponível em <http://www.info.planalto.gov.br/download/discursos/pr008-2.doc> . Acesso em: 29 ago 2010.
- _____. *Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva* encontro com representantes das Centrais Sindicais da 4ª Marcha da Classe Trabalhadora - Palácio do Planalto, 05 de dezembro de 2007. Disponível em <http://www.info.planalto.gov.br/download/discursos/pr461-2@.doc> . Acesso em: 29 ago 2010.
- _____. *Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva*, encontro com trabalhadores das obras do Eixo Norte - Cabrobó-PE, 16 de outubro de 2009. Disponível em <http://www.info.planalto.gov.br/download/discursos/pr1505-2@.doc> . Acesso em: 29 ago 2010.
- _____. *Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva*, na Cerimônia de inauguração da Unidade de Pronto Atendimento (UPA) da Vila São Pedro - **São Bernardo do Campo - SP, 29 de dezembro de 2009**. Disponível em <http://www.info.planalto.gov.br/download/discursos/pr1635-2@.do>. Acesso em: 29 ago 2010.
- SCHERRE, M. (org.). *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, v. 1. pp. 311-323, 1996.
- PAREDES SILVA, V. L. P. O retorno do pronome *tu* a fala carioca. In.: Roncarati, C.; Abraçado, J. (Orgs.) *Portugues Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 letras, p. 160 – 169, 2003.
- VAN COMPERNOLLE, R. Second-person pronoun use and address strategies in on-line personal ads from Quebec. *Journal of Pragmatics*, 40, 2062-2076, 2008.